

Núcleo de Educação Popular 13 de Maio - São Paulo, SP
CRÍTICA SEMANAL DA ECONOMIA

EDIÇÃO 1292 – Ano 29; 3ª Semana Abril 2016.

Breaking Bad (Temp. 1 Ep. 5). O espectro da queda tendencial da taxa de lucro assombra Wall Street. José Martins.

Os capitalistas norte-americanos estão muito preocupados com o súbito declínio dos lucros das suas empresas, nos últimos trimestres. O sistema econômico capitalista tende ao colapso com o enfraquecimento da taxa geral de lucro. Eles não possuem uma teoria capaz de explicar a origem e variação do lucro de suas empresas, mas na prática não têm nenhuma dúvida de que o seu objetivo supremo não é produzir utilidades, bens que satisfaçam o desejo dos consumidores, mas produzir e acumular o máximo de capital através de uma precisa *taxa média de lucro*. Quando esta última começa a cair, é sinal que eles produziram além do que permitem as estreitas relações sociais de produção de capital. Sem saber por que, os donos do mundo comandam periodicamente uma superprodução não só de mercadorias, mas de capital. E quando a taxa de lucro cai eles se retraem e param de consumir máquinas, matérias primas e força de trabalho. A produção social se interrompe por tempo indeterminado. A sociedade fica ameaçada por uma inexplicável epidemia de desemprego, fome e perda do horizonte vital. Abre-se mais um período de crise e de possibilidade de revolução.

A queda dos preços (deflação) e a correspondente desaceleração da massa de lucro nos balanços das empresas é o sinal mais concreto de que a taxa geral de lucro de determinada economia está em queda. Desde o final do ano passado já havia fortes indícios de uma queda dos lucros na economia de ponta do sistema.¹ Os últimos dados oficiais a respeito publicados pelo Departamento do Comércio dos EUA, em 25 de março/2016 (dados revisados) ainda se referem ao 4º trimestre/2015. E fornece indicadores verdadeiramente preocupantes. O lucro depois dos impostos, que mede mais de perto os lucros das manufaturas de bens duráveis e não duráveis, caiu 15% frente ao mesmo trimestre do ano anterior. Foi a mais profunda queda trimestral ano-a-ano em um trimestre desde 2008, início do mais recente período de crise nos EUA.

Só no final do mês de Maio devem ser publicados pelos órgãos do governo os lucros do 1º trimestre deste ano. Mas já estamos quase na metade do 2º trimestre de 2016. Muita coisa mais grave pode estar acontecendo com a taxa de lucro. Investigações privadas (Thomson Reuters, por exemplo) já antecipam dados a respeito das empresas listadas no S&P 500. Os grandes jornais de economia, como o The Wall Street Journal, repercutem temor dos homens do mercado com o futuro imediato da valorização do seu capital: “Os lucros das empresas norte-americanas, rebaixados pela derrocada do setor de energia e

¹ Fizemos observações a respeito em recente boletim da Crítica Semanal da Economia – *Breaking Bad* (Temp.1 Ep.3), “*Nas Entradas do Ciclo Industrial dos EUA*”, edição 1284, 4ª semana de Fevereiro/2016).

desaceleração do crescimento global, estão em declínio pelo terceiro trimestre seguido no mais longo retrocesso desde a crise financeira... As preocupações dos dirigentes das empresas ecoaram os fracos dados econômicos divulgados quinta-feira de manhã, que mostraram um crescimento do produto interno bruto dos EUA de apenas 0,5% no primeiro trimestre. Investimentos das empresas e gastos em bens de consumo diminuiram” (WSJ –“US Corporate *Profits on Pace for Third Straight Decline*” – 28/Abril/2016).

Os homens do mercado sentem o perigo iminente aos seus negócios. Com base em 55% de empresas gigantes listadas no índice S&P 500, que já divulgaram seus resultados na manhã desta quinta-feira, 28, a Thomson Reuters prevê queda geral de lucro de 6.1% no 1º trimestre/2016, comparado com um ano antes. Mesmo excluindo empresas do setor de energia, com expectativa do pior trimestre desde que os preços do petróleo começaram a desabar em 2014, os lucros devem cair 0.5% no trimestre. Isso marcará o terceiro declínio trimestral consecutivo dos lucros – a mais longa sequência desde a crise mais recente em 2008/2009. Cinco dos dez maiores ramos listados no índice S&P preveem queda dos lucros, enquanto seis deles esperam estagnação ou declínio do faturamento, segundo a mesma Thomson Reuters.

A palavra declínio começa a tomar conta dos relatórios das maiores empresas do mundo e das avaliações dos analistas do mercado. Um efeito mais visível e mais popular dessa irresistível tendência à queda da taxa de lucro no centro do sistema pode se concretizar nas próximas semanas com nova e mais profunda correção das maiores bolsas de valores do mundo. Muito mais pesada que a correção ocorrida no mês de janeiro de 2016. Esta última foi apenas o primeiro sinal prodrômico, indicativo da aproximação de uma grave doença do sistema. A correção que se aproxima anunciará didaticamente a todo o mundo a própria face e natureza da doença.